

## *Anderson Braga Horta e a Metafísica de Orfeu*

*Márcio Catunda*

Muito obrigado, Presidente Fábio de Sousa Coutinho, e grato aqui ao pessoal da ANE por esta oportunidade, ao pessoal do apoio, à Lisieux Bittencourt, aos nossos amigos sonoplasta, o cineasta, e a presença de todos vocês, ilustres amigos, pares nobres desta confraria.

Eu precisaria de uma semana para falar tudo o que eu preciso falar, mas vamos tentar resumir aqui.

Anderson Braga Horta nasceu em 1934, em Carangola, Minas Gerais, fez a Faculdade de Direito, do Rio de Janeiro. Jornalista, professor e funcionário da Câmara de Deputados. Profissão mais eminente: poeta. Poeta e crítico literário, um dos maiores nos dois gêneros, com certeza.

Filho de pais poetas, olha que bem-aventurança: Anderson de Araújo Horta e Maria Braga Horta. O Anderson, como exemplo de bom filho, republicou os poemas do pai e da mãe, num gesto de amor filial. São dois grandes sonetistas. Não vou ler poemas deles aqui porque tenho de falar mais do Anderson e não dá tempo, mas mereceriam também um destaque especial.

Por que Orfeu nesse título? Estava pensando, o mito de Orfeu tem a ver com o Anderson, porque tem essa coisa do transcendental, do místico e Orfeu tem como pressuposto uma trindade, um tripé: o amor, a poesia e a música, que tem muito a ver com o pensamento do nosso poeta, que é um aficionado da música, escuta musica clássica o dia inteiro, louva a poesia o tempo inteiro nos livros; tenho aqui o *Signo - Antologia Meta-poética*, que fala direto da arte da palavra na poesia, ou seja, de suas poéticas, de suas filosofias na arte da palavra, e o amor, tema eterno que está presente, sobretudo o amor fraterno, generoso, nessa inquietação generosa do humanismo que caracteriza, basicamente, a arte do Anderson Braga Horta.

Conheceu bem os românticos na adolescência, depois

os modernistas e começou a escrever tudo isso. Primeiro escreveu uns contos, *O Horizonte e as Setas* (1967). Depois, *Altiplano e Outros Poemas* (Brasília, 1971), *Marvário* (Brasília, 1976), *Incomunicação* (Belo Horizonte, 1977), *Exercícios de Homem* (Brasília, 1978), *Cronoscópio* (Rio de Janeiro, 1983), *O Cordeiro e a Nuvem* (Brasília, 1984), *O Pássaro no Aquário* (Brasília 1990), *Quarteto Arcaico* (Jaboatão dos Guararapes, 2000), *Fragmentos da Paixão* (São Paulo, 2000 – com o qual ganhou o Prêmio Jabuti de Poesia, em 2001), *Pulso* (São Paulo, 2000), *De Viva Voz* (2012), *Soneto Antigo e Sonetos na Corda de Sol* (2009).

Tem as Antologias, tem o *Signo*, de que já falei, *Fragmentos da Paixão* (São Paulo, 2000), que é a compilação de sete livros, de que vamos falar a respeito, *Lua da Fonte*, traduzido por nosso queridíssimo Rumem Stoyanof, que eu conheci na Bulgária e ele falava sempre: - “*Onde estará o nosso poeta lacustre?*”, referindo-se ao Anderson, que mora na casa no Lago Sul.

Anderson começa, já nos primeiros livros, falando dos filhos; vejam que interessante essa atitude autêntica de amor paterno. Começa dedicando ao filho Anderson um poema que se chama “*Criança Chorando*”.

*Teu pranto abala as raízes da noite.  
Tuas lágrimas reanimam a velha metáfora  
e molham consteladamente o lençol.  
Da obscuridade da tua fome  
e do teu desamparo  
clamas pelo dia, o teu dia,  
quando fraldas e cueiros serão retratos esquecidos no álbum  
e mamadeiras e chupetas te farão sorrir sobre outros berços.  
Da noite do ventre materno saíste para a penumbra  
e choras.  
Tão pequeno e já franzes a testa  
Porventura sabes quanto pranto é preciso para fazer-se um homem?  
e te constróis impacientemente.*

Também no seu primeiro livro, *Altiplano e Outros Poemas*, há um poema em homenagem à filha Marília. Chama-se “*Minha Filha*”.

*Minha filha, tudo em ti é pureza,  
mesmo o que em nós nos lembra  
o charco original.  
Merecias um madrigal,  
não um poema lírico triste,  
cheio de vã filosofia.  
Por ti, devera eu reencontrar a inocência.  
Mas como ser inocente e lúcido?  
Não, hoje não escrevo teu poema.  
Olho-te avaro: meu amor é um lago  
Incomunicativo.  
Te pego ao colo. Choras.  
Mudo-te as fraldas e adoro-te em silêncio.*

Então, aqui, já se destaca esse humanismo do Anderson, questionando o problema existencial: ser no mundo.

Vamos ler poemas dos livros que vêm na sequência. Eu acho que o melhor modo de falar do poeta é ler a sua poesia. Muita teoria atrapalha. A poesia se explica sozinha. Mas eu vou falar dessa história ainda do Orfeu aqui. O poeta é um sacerdote das musas, um hierofante na arte de ensejar a união maior entre o pensar e o sentir. Então o que Orfeu representa como metafísica e como a poesia do mistério? É que Orfeu, apaixonadíssimo por Eurídice, volta da viagem à Cólquida, com os argonautas, e não encontra mais Eurídice, ela havia já passado para a outra dimensão, que os mitólogos denominam Hades, Inferno ou sei lá o quê. E nessa dimensão obscura do mistério, Orfeu chega cantando, tocando a lira, e impressiona Perséfone de tal maneira, que Perséfone decide devolver Eurídice, contanto que ele não olhasse para trás. Mas o poeta não suporta a saudade, o desespero de ver o rosto da amada, vira o rosto e vê a imagem de Eurídice esvaindo-se.

Então, o que Orfeu viu foi o espírito, o corpo astral, provando que a morte não existe, que numa dimensão existe ainda aquele vulto de um ser que está na vida espiritual. Então, tudo isso tem a ver com o que Anderson Braga Horta canta nos seus poemas: a espiritualidade do amor.

*Altiplano* fala muito de Brasília e isso tem a ver com a

espiritualidade também do Anderson, que acredita que Brasília representa uma esperança para o Brasil, em que as pessoas viverão aquela utopia de maior igualdade e fraternidade e que, hoje em dia, eu acho que ainda é válida, apesar dos pesares.

Em Brasília, Anderson cultivou a amizade dos poetas e escritores da Associação Nacional de Escritores, da Academia Brasiliense de Letras e da Academia de Letras do Brasil, três agremiações culturais de prestígio a que pertence. Recordamos aqueles grandes amigos que já passaram por aqui e nós que ainda estamos aqui, graças a Deus. Então temos o nosso patrono, Almeida Fischer, o José Geraldo, Domingos Carvalho da Silva, Fernando Mendes Viana, Antônio Carlos Osório e Joanyr de Oliveira. Eu tive aqui em Brasília três mestres principais em poesia: Anderson Braga Horta, Santiago Naud e Fernando Mendes Viana. Eu os conheci aqui nos anos oitenta, quando vim para Brasília, depois de ter tido a iniciação à poesia, com os poetas cearenses, que foram meus mestres de lá.

Mas outras grandes figuras: o Danilo Gomes, que está aqui hoje, José Jerônimo Rivera, João Carlos Taveira, Ronaldo Cagiano, todo esse pessoal que é daquele antigo grupo da ANE.

Então prosseguindo, diz o poeta: *“essa grande fé na semente plantada no coração do Planalto Central do Brasil, contraditória rosa, explosiva de tuas impurezas e tuas asperezas, rosa, queremos-te exata, no altiplano de nossa esperanças, rosa dos homens, construímos-te futura”*.

*Marvário*, que é o livro seguinte, tece um cordame de metáforas em que explora a temática marítima de diferentes pontos de vista, paisagem, lirismo e questionamento existencial. Vejamos este poema que se chama *Gestação* e se destaca de forma extraordinária.

*Nos fluidos subterrâneos  
de alguma antiga crença,  
alguma coisa de algo  
ficou-me, vaga e imensa.*

*Uma saudade incerta  
de algo talvez sonhado,  
algo que a alma presente  
agora, e é já passado,  
alguma coisa pura  
anterior a mim mesmo,  
anterior à vida  
e, entanto, inda imperfeita.  
Nos fluidos subjacentes  
de alguma antiga crença  
- antiga como a Origem -  
palpita, vaga imensa,  
talvez premonitória  
saudade de áurea esfera  
futura - e já contida  
no sêmen da Matéria.*

Na metafísica de Orfeu, a luz instantânea do presente clareia também o passado e o futuro.

O livro *Incomunicação* questiona alguns conceitos da realidade vital: o homem, a verdade, a beleza, o amor e a natureza, temas eternos da elucubração de todos os tempos. Quero ler o poema “Noite Alta”, que é uma beleza.

*Quando as pernas se cansam  
de comer as ruas  
e os olhos prelibam  
a morte em cada sombra  
Quando na esquina um frio  
segrega a susto o estômago  
na digestão de augúrios  
e medos indigestos  
Quando nas ruas cai  
o canto do galo  
fraturando o silêncio  
e descobrindo os ecos*

*Então é noite alta  
hora indefinível  
e o céu se transfigura  
aos olhos do noctívago*

Como é que o Anderson se define a si mesmo? Tem um poema, chamado “Nós, o Homem”, e tem outro poema que se chama “Envio”. Eu acho que aí ele é altamente confessional e se revela plenamente diante do espelho dos leitores.

*Nós, o Homem  
Mineiro noturno, escavo  
minhas minas de angústia.  
Uma luz na testa –  
um caminho, antolhos, parede de pedra.  
Uno e múltiplo,  
solidário e solitário, respiro  
pó e treva. E esperança.  
Escavo a terra,  
mas de mim mesmo extraio as minhas gemas.  
Elas brilham no escuro,  
iluminam meus medos e meus tédios  
minha força e minha fé.  
Ajo e contemplo-me.  
Escavo, escravo: de antever-me  
lavado em névoas matutinas.  
E vou, retórico e despido,  
a caminho de mim.*

O “Envio”, que está aqui na Antologia, é interessante, porque é um soneto autobiográfico.

*Nasci na região mais alta e fria de Minas,  
entre as serras e a neblina.  
Meus pais eram poetas. Foi-me a sina  
ter no poema a minha estrela-guia.  
De Minas a Goiás, depois ao Rio,  
um périplo cumpro, cumprindo o fado.  
Mas o leme nas mãos enfim tomado,  
em Brasília ancorei o meu navio.*

*Entre zelos de esposa, filhos, neta,  
entre amigos e irmãos bendigo a via  
que nos conduz à inevitável meta.  
E o sentido da vida se alumia  
ao sol do amor, que amor é que completa  
a dádiva sublime da poesia.*

Um soneto extraordinário chama-se “Naquele Tempo”, em que ele recorda o tempo em que leu os românticos e se sentiu um romântico, mas com o passar do tempo ele se torna mais duro, mais áspero, mais cerebral. Aliás, por falar em cerebral, o mito de Orfeu fala da cabeça de Orfeu. As menades, ou as bacantes, esquartejam Orfeu. É uma história um pouco escabrosa, a cabeça de Orfeu continua cantando. Há o Gustave Moraut, grande pintor francês, tem um quadro belíssimo que é o Orfeu com o corpo transformado numa lira, que Eurídice segura. A cabeça de Orfeu continua cantando, porque é o centro da memória, a memória está na células cerebrais, por isso a cabeça de Orfeu.

Quanto à música na poesia do Anderson, começa com uma homenagem a Beethoven. Isso porque o Anderson, desde jovem, nos anos 50, já escutava todos os dias, na companhia de José Jerônimo Rivera, a 5ª Sinfonia de Beethoven e o Concerto para Violino do Tchaikovsky. Isso, nos anos 55 e 56. Ele consome a admiração pela música, pelo Beethoven, com o poema chamado “Sétima Sinfonia”, dedicado a Joanyr de Oliveira.

*Um deus preso na carne, um sol detido  
Pela matéria muro,  
Deus reduzido de seu absoluto,  
Deus  
Do desespero de Beethoven surdo.  
Um deus que se refaz, ou que se perde e  
Reencontra-se em relâmpagos.  
Brandura e crispação, renúncia e glória.  
Sol cortado por lâmina de treva.*

.....

*Deus recolhe os fragmentos de si mesmo.*

Na religião do Anderson, Deus é música. Ele diz aqui, textualmente, neste poema que se chama “Música”.

*Sombra de Deus, modulação do Nada,  
que os anjos colhem do chão, com reverência.  
O pó que fecundaste infiltra-se nas fendas  
do Cosmo, pólen de ouro  
em asas de invisíveis borboletas.  
Louvamos-te, Senhor, o rasto de tua sombra  
Desce e ilumina as nossas trevas.*

No soneto que se chama “Naquele Tempo”, ele recorda a época em que era um poeta romântico, ou neo-romântico.

*Naquele tempo havia céus e nuvens  
flores, noites e estrelas, infinito.  
Naquele tempo havia o encantamento  
e a castidade inaugural do amor.  
Depois, naquele tempo, havia sonhos  
para o deslumbramento dos sentidos.  
Crescia a flor confusa dos instintos  
ao rubro sol do amor – naquele tempo.  
Eu era um poeta à moda dos antigos.  
Agora sou apenas um girassol louco  
Esquadrinhando o espaço coalhado de sóis.  
Perdi o ritmo dos poetas antigos,  
perdi a música dos poetas antigos,  
hoje sou duro e sem romantismo.*

Mas o seu romantismo continua em belíssimos poemas de amor, em sonetos que são magníficos, como em “Stella Nubila”. E já estou falando agora do livro Cronocópio, de 1983.

*Não te recebo morna como este sol nublado.  
Mas basta uma centelha de teu céu  
para incendiar meus campos de ternura.  
Quero-te assim como te soube um dia:  
sarça ardente –  
consumindo-se em áscuas, mas eterna –  
para a fonte de estrelas da minha alma.  
Quero-te assim como sonhei-te um dia:  
calcinando as florestas com teu passo  
frágil e onipotente  
de quem pisa os trigais que tem semeado.  
Ah! Florestas de engodo, de palavras,  
de circunstâncias, de dever, de sombra,  
florestas-máscara de mim – que te amo!  
Ai eu, pastor de ovelhas invisíveis,  
que o cristal da manhã tomou de espanto!  
Num excesso fatal de claridade  
apaguei minha estrela? Entorpecí meu canto?  
Vem de novo – do sonho, do delírio,  
dos céus que eu vi sem decifrar, da face  
de Deus que no meu caos passou incólume!  
Vem e instaura o deserto em que sozinha  
consteles todo o espaço de teus olhos!  
E das cinzas fecundas me renasce.*

Também no Cronoscópio, Anderson estuda, questiona o assunto da linguagem, da poesia. Tem dois poemas que eu acho que são dignos de nota porque versam sobre a Metapoética. Vou ler este que fala da poesia e do poeta. Primeiro, “O Poeta”.

*Ser de gestos noturnos, impreciso,  
vai mergulhado, ao sol, em sua treva.  
Sobre a cabeça um halo de umbra. Mas é na alma  
que brilham-lhe as estrelas.  
O poeta  
sonha de noite própria.  
Agora vai “A Poesia”.  
A poesia é muito mais do que os pensadores e os  
próprios poetas  
- instrumentos nem tão exatos -  
dizem dela.  
É preciso a humildade de esperá-la  
como quem espera a chuva, a primavera,  
pássaros matutinos na treva.*

Então, o poeta apolíneo, dionisíaco, exerce a poesia com uma correção formal absoluta, inclusive usando termos de antiga usança e quando alguém quer tachá-lo de anacrônico, ele diz: “*eu não estou escrevendo para você. Eu quero a liberdade de usar de todos os meios de que eu disponho para escrever. Poesia só tem uma regra: a liberdade, que é uma anti-regra*”.

Danilo Gomes elogia umas traduções que o Anderson fez de *As Flores do Mal*, de Baudelaire, que continua inédito, apenas com alguns poemas publicados.

*Traduzir Poesia* (2002) é um livro de poemas traduzidos.

Vou falar dos livros de ensaios: *Aventura Poética de Álvares de Azevedo – Ensaios e Poemas* (2002); *Sob o Signo da Poesia* (2003), *Testemunha e Participação* (2005), *Os Criadores de Mantras* (2007) *Proclamações* (2013) e *Do que é feito o Poeta*, o mais recente.

O Anderson vem escrevendo mais ensaios que poemas. O livro de poemas mais recente é exatamente o *Viva Voz*, de 2012.

Vamos aqui, ler poemas de *Pássaro no Aquário*. Esse poema impressionante, que dá título ao livro publicado em 1999, tem uma ressonância, a meu ver, de *Invenção de Orfeu*, do grande Jorge Lima, que é uma coisa mitológica, extraordinária, um devaneio sobre as navegações, uma espécie de resgate daquela história mítica e mística que Orfeu tenta consolidar numa espécie de cartografia poética. E um outro poema extraordinário, que é o “Teilhardiana”, inspirado no grande filósofo Teilhard Chardin, um filósofo evolucionista e espiritualista, na linha dos grandes místicos da Idade Média e mesmo na linha do hinduísmo, cujos Vedas falam da circularidade do tempo e do eterno retorno, da reencarnação, do mistério da vida além do corpo físico.

São dois poemas fortíssimos que eu estou até com medo de lê-los na mesma sequência, porque vai causar um impacto um pouco forte e eu não quero deixar vocês assim um pouco abismados com essa situação, mas vamos ver. Vamos ler o “Pássaro no Aquário”.

*Era um ponto no aquário.  
Era uma escama aberta  
no verde dúbio das águas. Era uma estrela  
mínima em céus de queda.  
Era um frêmito, um ritmo,  
um verso regressivo à origem, nada,  
um sopro extinto, inda outra vez soprado  
por sol de oblióvio, escuro.  
O pássaro no aquário  
solfejava em silêncio um sol futuro.  
E eram guelras na espuma, e os olhos, algo  
como um pranto na areia, entre algas, planctos,  
como um pranto chorado em meio a lágrimas  
retidas no olho inexistente. E em breve  
eram garras na terra, a dura guerra,  
o mar perdido e o espaço ausente, ausente.*

*Garras, e a crua guerra.  
Berro de espanto e dor no descampado  
Entre o sêmen do sonho e a fronde ao vento.  
Mas o dó, mas o espanto,  
A dor e seu invento:  
um sol menor no peito:  
domado, um lá na plúmea  
escama distendida em ala urgente.  
E era um pássaro na alva de escarlata,  
Cantando no alto a ária de orvalho e prata!*

Esse Pássaro no Aquário é o homem. É um ser humano dentro dessa bolha de ar, que é água etérea, que respiramos neste planeta - planeta aquário. O homem é um ser alado que não pode voar muito porque está preso pela gravidade, com os pés no chão. Essa é a minha visão, nem perguntei isso ao Anderson. Estou interpretando assim da minha própria imaginação.

Então, nesses versos nota-se uma excelente experiência da polissemia das palavras, utilizando termos da linguagem musical: o dó, um sol menor no peito, um lá na plúmbea escama distendida em ala urgente e “o pássaro na alva de escarlata, cantando no alto a ária de orvalho e prata”.

Esse pássaro é o poeta, só pode ser, porque não é qualquer homem que vai cantar assim.

Para arrebeitar mais as coisas, eu vou ler o “Teilhardiana”, que é essa teoria da evolução espiritual, de acordo com esse grande filósofo, que era católico e poderia muito bem ser de qualquer religião espiritualista, porque aqui ele transcende inclusive o catolicismo tradicional porque mostra alguns mistérios da natureza e vem naquela linha antiga dos alquimistas, dos rosacruzes, aquela da história da existência de diversas camadas, espirituais e materiais que envolvem a terra, da camada barisférica dos metais até a plataforma crística, que é a sétima camada. Isso é a teoria do grande pensador Teilhard Chardin.

## *I – A VAGA PRIMEVA*

*No escuro mar, na torva calmaria,  
nem luz, nem som, nem hálito de vento,  
nem quilha a arder na ardente espuma fria.*

*Era o difuso, abúlico elemento  
como não ser. Nem, cego, se antevia  
placenta e plasma de futuro evento.*

*Velava-se dos céus a eterna ronda.*

*Já, no entanto, no arcano desse caos,  
inexistente olhar tateia e sonda,  
e engendra, e tece os mágicos solaus  
de nascituro azul, de verdes de onda  
aureolados de estrelas e de naus.*

*De não-nado ante-sonho de ardentias  
que invisível Mão deflagra o ser dos ventos  
no branco incêndio das escumas frias?*

*Com que voz a ninguém Alguém responde?*

*Sopram luzes nos quedos elementos!*

*Voa a vaga da Vida – para onde?*

## *II – O PÉRIPLO*

*Voa a vaga da Vida e já se espraia,  
escuna que ao querer dos ventos erra.*

*Filha da água e do sol, acolhe a terra  
a oferenda que o mar depõe na praia.*

*Ó ser que foste luz na etérea calma*

*E vens doar-te a opaca natureza,*

*Desce, desvoa, cai, sofre, rasteja*

*Na própria lama antes de seres alma*

Ulisses, volta ao mar, donde semeia  
todo o Planeta. Aos céus, Ícaro, voa,  
onde, iludido, o hino orgulhoso, entoa  
de comunhão com a originária Ideia.  
Em verde, em ocre, em blau expatriado,  
contraditório múltiplo indiviso,  
enfim se dobra sobre si, Narciso,  
um mar nas próprias águas naufragado.  
Não cais em vão na luta amarga contra  
o íntimo labirinto estranho ao mundo.  
Consumido na périplo profundo  
torna o ser a si mesmo e então se encontra.

### III – O POEMA DA TERRA

Chega à idade madura a Esfera um dia.  
Com seus olhos azuis fitando o espaço  
já decifra nos astros  
o selo da poesia,  
já centrípeto afaga o próprio lastro,  
na pegada de opostos infinitos.  
Estremece o Planeta  
em noite e aurora a um tempo,  
em pânica ternura,  
calmoso grito.  
E agora,  
qual mola que se enrola  
sobre si mesma para o salto, a Terra  
prepara o voo dúplice no abismo:  
para o Dentro de si e para o Aberto  
na comunhão dos céus que se desvelam.

É impressionante! Essa “comunhão dos céus que se desvelam”, parece uma visão apocalíptica, uma coisa esotérica. Os céus comungam numa totalidade única, “a terra revela-se a si mesma e voa no aberto, abismo infinito a que se unifica”...

Vamos ler aqui “Transubstanciação”, soneto mais belos que eu já li em toda a minha vida. Isso, falando de Camões, Augusto dos Anjos, Cruz e Souza e todo esse pessoal que foi grande sonetista.

*Um dia hei de chorar todo este pranto,  
que arrasará com todas as comportas.  
E um mundo de águas más e folhas mortas  
Escoará, deixando espaço ao canto.  
Um dia, imerso em vinho, envolto em canto,  
hei de arrombar estas arcaicas portas  
que me confinam nas planícies mortas,  
e ascenderei às solidões do espanto.  
Galgarei os degraus da etérea altura,  
e acima, acima da terrena vaia,  
das amplidões haurindo a linfa pura,  
cego de êxtase, e tonto de vertigem,  
contemplarei, do alto deste himalaia,  
- transfeito em sonho – o vórtice da origem.*

Agora, vamos falar um pouco do *Quarteto Arcaico*, que vem nessa mesma linha da aventura ontológica em que o poeta vem constituindo a peça-chave da estrutura do edifício de sua utopia.

Há em *Quarteto Arcaico* um capítulo intitulado “A Cabeça de Orfeu”. Cabe ler aquele poema, que se chama *Órfica*, que fala da cabeça de Orfeu.

*Que ser é esse  
de que o céu se espanta,  
o corpo esquartejado,  
levam-no os rios,  
bebem-no os mares  
vai com vento nos ares.  
Faz-se terra, na terra  
torna-se nada*

*em todos os quadrantes,  
mas a cabeça canta.  
Que corpo é esse arcaico,  
animado de um fogo  
entre o sagrado e o laico.  
Corpo que se destroça,  
fogo que se levanta.  
Ai, o corpo se esfaz  
Em limo, em lama,  
as pernas extintas  
erram por seiva,  
as mãos arrancadas  
crispam-se por frutos,  
mas a cabeça canta.*

Eis aqui um exemplo interessante, em que Anderson faz uma reescritura ou uma continuação do poema “Aéreo”, que é anterior e está no *Exercício de Homem* (1978), reescrito em outra dimensão, intitulado “Palingênese”. Palingênese é exatamente isso, uma criação a partir de um momento passado, com um sentido crítico, uma autorrecriação.

Vale a pena ler, primeiro o “Aéreo” e, depois, ver como ele se transforma.

Uma vez eu disse para o Anderson: - “*Eu vou reescrever uns poemas antigos que eu tenho*”. Ele disse: - “*Cuidado para não piorar*”.

Por isso, então, é que ele não abusa dessa técnica. Só tem esse exemplo aqui, o “Palingênese”. O mestre sabe onde anda. “Aéreo”:

*O melhor de mim  
está solto no vento.  
Mãos, raízes, searas  
E outras nuvens que invento.  
Ai, o melhor de mim  
No vento é que está.*

*Utopias, pandorgas  
Que menino avento.  
Entretanto maduro  
para todos os ares,  
os semeio, e mais colho  
aurassóis: cata-vento.  
E, arando brisas, onde  
me lamento, aí canto.  
Pois o melhor de mim  
frutifica no vento.  
Aí diz o “Palingênese”:  
Ah! Que o melhor de mim  
frutifique no vento  
como as nuvens e as searas  
que no poema invento.  
E quanto de mim houver  
de borra e excremento  
em mim fique sepulto,  
esgotado instrumento.  
Sobreviva de mim apenas o que é vivo,  
luz no espaço e relento,  
mas redima-se o resto.  
Assim Deus o permita  
Ao sopro de outro Invento.*

Esse *Invento*, com letra maiúscula, no final do poema, me parece essa mesma ideia de recriação. Reinventar-se a si mesmo, reconstituir-se, renascer, dá ideia da transmigração das almas, da metempsicose, das teorias de Alan Kardec e dos hinduístas. Além dessa dimensão espiritual, o poeta tem outras facetas, mas eu quis destacar essa história do vínculo com Orfeu, porque é um dos aspectos mais marcantes na poesia do Anderson.

Quero ler, ainda, para ilustrar o que eu penso sobre a personalidade do poeta, esse poema que se chama “Rústica”

(um rústico muito delicado e cavalheiro, não tem muito de rústico na realidade),  
incluído no livro *Fragmentos da Paixão*.

*Era um homem simples, rústico.*

*Tomou a cigarra entre dois dedos  
carinhosos*

*e ficou-se embevecido,*

*sentindo a poesia cantar*

*dentro da mão todo-poderosa.*

Homem simples, capaz de se encantar com o canto de uma cigarra que é a própria natureza cantando em toda parte, Anderson vem unindo as cogitações do infável às vicissitudes do cotidiano, embevecendo-se com a música do mundo e abominando a miséria do mundo.

A generosa voz do poeta permanece a serviço de humanísticos princípios que o verbo poético transfigura em verdades instigantes, reveladoras de universais verdades. Muito grato aos queridos amigos pela generosa atenção.